

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E SEUS IMPACTOS NA ÁREA EDUCACIONAL

CORONAVIRUS PANDEMIC AND ITS IMPACTS ON THE EDUCATIONAL AREA

Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira ¹

Eliene Soares dos Santos Lisboa ²

Nilza Bernardes Santiago ³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar duas temáticas muito atuais e que mantêm entre si uma grande interlocução e que se consubstancia na Pandemia do Coronavírus, COVID-19, que vem impactando, de forma avassaladora, pessoas de diferentes continentes, e de todos os países. Como se sabe, as pessoas mais velhas têm maiores possibilidades de serem infectadas, sobretudo, se tiverem comorbidades, contudo, vem se constatando que o referido vírus vem, também, infectando pessoas mais jovens e sadias. Na atualidade, o Brasil se tornou o epicentro da Pandemia, devido, especialmente: às condições precárias, nas quais vive a maioria da população, amontoada em barracos, muitas vezes sem saneamento básico e água potável; à falta de um líder nacional, que deveria se constituir como um presidente que orientasse, dirigisse, controlasse a população, para que tomasse as medidas necessárias, para minimizar e/ou extinguir a Pandemia. Nesse contexto, hodierno, o número tanto dos infectados, quanto dos brasileiros que morrem devido ao COVID-19 vem aumentando de um modo avassalador. Na área educacional, as aulas presenciais vêm sendo substituídas pelas aulas remotas. O ensino remoto tem sido a alternativa viável para o momento histórico para os diversos países afetados pelo COVID-19. Contudo, no Brasil, a implementação, o uso do ensino remoto, tem como maior dificuldade a realidade de um número significativamente reduzido, mesmo no âmbito do Ensino Superior, de alunos que têm acesso às tecnologias digitais, conforme dados do PNAD/IBGE.

Palavras-chaves: COVID-19. Pandemia. Ensino Remoto.

Abstract

This article aims to analyze two very current themes and which maintains a great interlocution among themselves and which is embodied in the Coronavirus Pandemic, COVID-19, which has been overwhelmingly impacting people from different continents, and from all the countries. As is known, older people are more likely to be infected, especially if they have comorbidities, however, it has been found that the virus has also been infecting younger and healthier people. Nowadays, Brazil has become the epicenter of Pandemic, due, mainly: precarious conditions, in which the majority of the population lives, huddled in shacks, often without basic sanitation

¹ Doutora em Educação, professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. E-mail: dorinhapuc@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela PUC Minas e professora da Escola Estadual José Joaquim. E-mail: elienes.s@outlook.com

³ Mestre em Educação e professor do Curso de Pedagogia da PUC Minas. E-mail: nilza@pucminas.br

and drinking water; lack of a national leader, who should be constituted as a president who, to guide, direct, control the population, so that he could take the necessary measures, to minimize and / or extinguish the Pandemic. In this context, today, in which the number of both the infected and the Brazilians who die due to COVID-19 has been increasing, in an overwhelming way. In the educational area, face-to-face classes have been replaced by remote classes. Remote education has been a viable alternative for the historic moment for the different countries affected by COVID-19. However, in Brazil, the implementation, the use of remote education, has as major difficulty the reality of a significantly reduced number, even in the scope of Higher Education (Universities), of students who have access to digital technologies, according to data from PNAD / IBGE.

Keywords: COVID-19. Pandemic. Remote Education.

Introdução

Este artigo aborda duas temáticas importantes e atuais consubstanciadas na Pandemia do Coronavírus ⁴ que, nestes tempos nebulosos e tenebrosos, a humanidade vem vivenciando.

A origem dessa pandemia ocorreu na China, no final do ano de 2019, quando em Wuhan, em um mercado de frutos do mar que, também, vende carnes, morcegos expulsos de seus *habitats* pelos homens, invadiram o referido mercado e infectaram, sobretudo, as carnes que foram comidas pelos chineses, iniciando, assim, a propagação do Coronavírus, ou COVID-19.

A partir de então, esse perigoso vírus se expandiu velozmente pelos diferentes continentes e países, provocando, assim, o acometimento de milhões de pessoas e resultando na infecção de um número incalculável de seres humanos infectados e de milhões de mortes, decorrentes da gravíssima infecção, localizada, inicialmente, nos pulmões e, muitas vezes, seguida de sérios problemas cardiovasculares.

Frente a esse cenário, as pessoas⁵ que puderem devem ficar em quarentena, nas suas casas, devido à possibilidade de serem infectadas. Contudo, grande parte da população brasileira precisa trabalhar, todos os dias, pois não tem carteira de trabalho assinada e, conseqüentemente, se dedica a labores precarizados e mal remunerados.

Adentrando na área escolar, sabe-se que as instituições de ensino possibilitam e requerem a ocorrência de contatos muito próximos entre alunos, professores, gestores e outras

⁴ A pandemia provocada pelo COVID-19

No Brasil vivemos em guetos: por um lado, em excelentes moradias que abrigam a minoria da população que conta com saneamento, água potável e que as pessoas podem trabalhar, remotamente; por outro lado, as pessoas vivem em favelas, em barracos, amontoados, umas às outras, sem saneamento. E as pessoas, diariamente, “descem o morro, para trabalhar em serviços precários e mal remunerados”. João Manoel Gomes, Folha de São Paulo, 10/06/2020.

⁵ Esses sujeitos ficam nas suas casas, trabalhando com excelentes computadores e internets muito rápidos, de forma remota, *on-line*, evitando, assim, o risco de se infectarem pelo COVID-19.

pessoas que nelas trabalham e, conseqüentemente, a proximidade entre esses sujeitos é muito grande, assim, se corre o risco de a infecção causada pelo COVID-19 se tornar muito perigosa.

Neste artigo se aborda, tanto a pandemia provocada pelo Coronavírus, quanto a necessidade de, no lócus escolar, se optar pelo trabalho remoto, para que a comunidade que nele atua não seja infectada pelo vírus em pauta.

Como já foi exposto, reitera-se, a origem do COVID-19 ocorreu na China, na cidade de Wuhan, no final do ano de 2019. Supõe-se que o vírus Sars-Cov-2 possui como hospedeiros determinados tipos de morcegos e, também, o Pagolim, que é consumido pelos chineses e africanos como um alimento; apesar de exótico, é considerado por eles como muito saboroso e tendo alto teor de cálcio e ferro.

O ecologista Peter Daszar que é, também, infectologista, apelidado de “O caçador de vírus”, muito protegido por modernos equipamentos, explorou cavernas, habitadas por morcegos e deles recolheu salivas e o sangue, buscando identificar a origem do Coronavírus.

Esse pesquisador ressalta que, diariamente, o homem pratica ações contra a natureza, adentrando no *habitat* dos animais e acabam praticando ações feitas, erroneamente, contra ela.

Assim, muitos e reconhecidos laboratórios ligados à prevenção e ao controle calculam que $\frac{3}{4}$ das novas doenças se originam de animais.

Nos diferentes mercados da China e de outros países, inúmeros animais silvestres são abatidos, sendo que esta prática deveria ser proibida para se evitar a transmissão de diferentes vírus e bactérias para os humanos.

Como já foi explicitado, o vírus do COVID-19 se originou dos morcegos, que são muito prolíferos para o mencionado vírus. Por perderem seus espaços/*habitats*, devido à invasão humana, foram forçados a se dirigirem para as fazendas, os sítios e outros espaços.

Segundo Rob Walla (2020), as denominadas fazendas industriais vêm se tornando o celeiro da proliferação de novos vírus e bactérias resistentes aos antibióticos e, assim, nos Estados Unidos, cerca de 35 mil pessoas vêm morrendo, anualmente, nesse país.

O referido pesquisador não se restringe apenas ao que a China provocou, questionando, também, o que os homens estão fazendo com o planeta e com os animais. Em decorrência, precisamos nos unirmos, para que possamos deter a devastação das florestas, da natureza, dos *habitats* naturais dos animais.

O insaciável apetite de muitos homens pela carne de diferentes animais tem levado a serem abatidos bilhões deles, anualmente. Assim, grande parte da população vem sendo vitimada por diferentes vírus e bactérias e, então, os homens são por eles infectados, frequentemente.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 80% das infecções pelo COVID-19 se constituem como casos assintomáticos, pois as pessoas não apresentam nenhum dos sintomas veiculados pelo referido vírus, contudo, elas podem infectar outras pessoas.

Ressalta-se, então, a necessidade de as pessoas usarem máscaras, evitarem agrupamentos, lavarem as mãos e/ou usarem álcool gel, para evitarem a infecção. É, também, fundamental que a população seja submetida, de forma massiva, aos testes, para que se constate, ou não, a ocorrência da infecção.

Tanto pela falta de consciência, quanto pelo descaso do Presidente, que vem se omitindo de liderar o combate ao COVID-19 através de ações propositivas e de medidas necessárias para minimizar ou, até mesmo, erradicar a pandemia, o Brasil já se colocou como o epicentro da infecção pelo COVID-19, conforme avalia a OMS.

Todavia, o Presidente do país ironiza, inclusive, não vem respeitando, a obrigatoriedade do uso de máscaras e de se evitar aglomerações, posições essas também assumidas pelos seus seguidores.

Assim, não se tendo a liderança do Presidente para minimizar ou, mesmo, extinguir a Pandemia, vem se assistindo ao crescimento acelerado de pessoas infectadas e mortas, sendo que, em meados de junho, já contávamos com cerca de um milhão de sujeitos infectados e de mais de 54 mil mortes, sendo que, dia a dia, aumentam esses números, formando, então, uma curva ascendente, não se sabendo quando e como ela irá, ou não, decair.

Neste cenário marcado pela epidemia, com as pessoas em quarentena, em “Stay home”, vem sendo criado um clima de grande ansiedade, de medo, depressão, neuroses e, até mesmo, de psicose.

Dessa forma, nesses dias tenebrosos, a simples existência é um ato de rebeldia!

Diante de todas e tantas pessoas queridas que faleceram devido ao Coronavírus ⁶ e de tantos anônimos que viviam suas vidas inteiras de forma intensa com suas famílias e que se foram, tendo em vista, a inevitabilidade do fim, é preciso estimular a rebelião da e pela existência!

Nesse momento, não é mais o “cogito ergo sum” de Descartes, mas antes de tudo, o existo, logo resisto!

Viver sem saber o que o mundo nos espera, mas, mesmo assim, estarmos dispostos a nos reinventarmos, para manter o que muitos julgam perdido, ou seja, a força das amizades verdadeiras, do abraço apertado, da mão estendida ao amigo, a solidariedade.

⁶ A filha da 1ª autora deste artigo, médica Oftalmologista, foi contagiada por uma paciente, foi infectada pelo Coronavírus e faleceu.

Neste momento, somente, a Ternura, o “querer bem” às pessoas, ter compaixão e procurar um abrigo, um refúgio para as pessoas que vivem nas ruas e, também, em muitos asilos de idosos, esquecidos e desamparados pelas famílias.

Assim, embora, a pandemia nos traga sentimentos de incerteza, tristeza e medo, o “fazer bem” tomando os cuidados para não se contaminar, se torna um bálsamo, um raio de luz para iluminar nossas vidas!

Neste momento, em que essa perversa pandemia que ameaça o Brasil e o mundo inteiro, o gesto, o pensamento e o amor, devem ser o motor das nossas ações, o alento do ar nos pulmões ameaçados pelo vírus insensível do Coronavírus.

É isso que nos faz, ainda, levantar, puxar o ar, nos convencer de que estamos vivos, resilientes, apesar de amargar a dor da perda de filhos, mães, pais, parentes, amigos tão queridos, em decorrência da infecção pelo Coronavírus, ou seja, pelo COVID-19.

Nesses tempos tão vazios, tristes e devastadores, o que nos resta, apesar de tudo, é lutar contra o “governo do capitão” que menospreza, ironiza o sofrimento humano, que mascara, altera os verdadeiros números dos infectados e dos mortos.

Acresce, ainda, que dois Ministros de Saúde que estavam trabalhando de forma competente foram demitidos, em plena evolução do COVID-19, simplesmente, porque eles, Mandetta e Teich, ganharam protagonismo e, também, devido ao fato de eles não concordarem, com a indicação da Cloroquina para o tratamento do COVID-19, em consonância com o posicionamento da OMS.

É neste contexto que nos encontramos, devido à necessidade de se evitarem contatos sociais, de se manter o distanciamento social, de ficar em quarentena, inclusive mantendo as escolas fechadas para evitar que alunos, professores, diretores e outros profissionais não fiquem infectados.

Tendo em vista esse cenário, as instituições escolares que ofertam desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, até o Ensino Superior, a Pós-Graduação *lato e stricto sensu*, para evitar níveis maiores de contaminação, optaram, lançaram mão do ensino remoto ou do ensino *on-line*.

Contudo, neste país, muitos estudantes, inclusive os matriculados no âmbito do Ensino Superior, não possuem computadores nem acesso à internet. Assim, muitos desses sujeitos podem contar, apenas, com seus celulares para assistirem às aulas e desenvolverem as atividades escolares.

Segundo Arruda (2020), devido ao fato de o COVID-19, a partir do mês de março de 2020, começar a se propagar e a infectar, de forma muito intensa, diversas pessoas, em

diferentes países, provocando a infecção e a morte de inúmeras pessoas, no campo educacional a única opção viável foi lançar mão do ensino remoto.

O afastamento social, ao qual a humanidade vem sendo submetida, tem provocado grandes transformações, em diversos setores, como na economia, levando à falência os setores industrial, comercial e de serviços, neles incluindo a educação. Na área psicológica, vem se observando um considerável aumento de neuroses e psicoses que, conseqüentemente, impactam as vidas das pessoas junto aos seus familiares e no trabalho.

Retomando à área educacional, o referido isolamento e o ensino remoto vêm operando desconstruções sob o modo como “alunos com alunos”, “professores com alunos”, “professores com professores”, “docentes com gestores” se relacionam.

Partindo do pressuposto de que professores e alunos se tornariam os grandes vetores de transmissão do Coronavírus, respaldou-se, ainda mais, a opção pelas aulas remotas.

No final de abril do corrente ano, cerca de 90% dos estudantes estavam, na China, impedidos de assistir às aulas presenciais. Esse número se reduziu para 70%, devido ao retorno gradual das aulas presenciais.(ARRUDA, 2020).

As autoras deste artigo, embora reconheçam que, no presente contexto, não se tem no Brasil, como em outros países, outra alternativa, diferente das aulas remotas, consideram bastante difícil que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as crianças gostem e se adaptem às aulas remotas e que elas possam estudar sozinhas, sem o auxílio de um adulto.

No que tange ao Ensino Superior Privado, aos Conglomerados Educacionais, como o Estácio de Sá, a Anhanguera, Magnos, entre outros, eles já privilegiam a educação a distância como uma forma de auferir lucros crescentes. Para eles a situação se manteve, da forma como elas vinham procedendo e, sem conferir uma qualidade ao que se veicula *on-line*.

Então, a Organização Mundial de Saúde e a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) consideram que a volta às aulas, à escola, deve ser a última instituição a voltar a funcionar presencialmente. Sabe-se, também, que as exigências requeridas pelos mencionados órgãos ficam cada vez mais difíceis de serem atendidas, pois se precisa assegurar os dias letivos.

Assim, o ensino remoto vem se configurando como a melhor opção, no contexto atual, marcado pela pandemia do COVID-19.

A China, país de origem do COVID-19, fez um enorme investimento, contando com poderosas empresas de tecnologia, para assegurar o acesso dos conteúdos e a plataforma de comunicação para professores e alunos.

Segundo Xião (2020), o governo chinês operou melhorias na manutenção do link de acesso contínuo aos programas, aos conteúdos e às dificuldades, para manter os alunos atentos, concentrados, auxiliando os docentes, para viabilizar leituras corporais e manter um ambiente mais interativo e eficiente.

Nas Pontifícias Universidades Católicas, sobretudo, mesmo sendo “obrigadas”, devido à pandemia, têm buscado conferir às aulas remotas uma melhor qualidade.

Deve-se destacar que a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPCT), assim como as Universidades Federais e Estaduais optaram por suspender as aulas presenciais, pois não havia outra alternativa, uma vez que não queriam lançar mão da Educação a Distância, contudo, com a pandemia, a cada dia infectando e matando mais pessoas, essas instituições não terão outra alternativa a não ser trabalhar com o ensino remoto.

Destaca-se que as escolas, certamente, são um dos espaços sociais nos quais se tem maiores trocas, contatos interpessoais e, em decorrência disso, podendo, por isso, ocorrer grande número de contaminação.

No país, a utilização das Tecnologias Digitais Remotas vem suscitando muitas críticas e questionamentos, sobretudo quando vários alunos não têm o devido acesso à internet, principalmente no que se refere ao seu emprego nos computadores, pois grande parte deles só conta com os celulares.

Esta terrível pandemia, além de causar muita dor e muitas perdas, serviu para mostrar, também, que essa nova realidade acentuou, ainda mais, as desigualdades no Brasil como um todo, devido ao fato de os jovens das periferias, das cidades aonde não chegam sinal de internet ou de televisão de forma adequada, estarem privados do direito à aprendizagem e ao conhecimento.

Quando as escolas que atendem os alunos da educação básica voltarem a funcionar na forma presencial, a perda na aprendizagem, principalmente, dos alunos das escolas públicas e, principalmente, ainda, dos alunos em situação de maior vulnerabilidade, será sentida de forma significativa, por um bom espaço de tempo, pois a volta às aulas presenciais será gradativa e demandará uma reorganização no sistema de ensino, uma vez que nem as escolas, nem os professores estarão preparados para o processo de reabertura do espaço escolar.

A educação remota emergencial, conforme explicitam Hodges e outros (2020), se refere a uma mudança temporária dos conteúdos a serem veiculados de uma forma de oferta alternativa, devido a uma situação de crise, como ocorre, atualmente, por causa da COVID-19.

Conclusão

Este artigo tem como um de seus objetivos tecer algumas considerações sobre a “cruel” pandemia da COVID-19 que vem se estendendo por todos os países desenvolvidos, em desenvolvimento e, sobretudo, aqueles que se encontram em condições econômica, sociopolítica e educacional precárias.

No Brasil, estamos vivenciando tempos nebulosos e muito difíceis que, por um lado, deixam a população de maior *status* de quarentena, trabalhando de forma remota, nos seus computadores e, por outro, recolhida em casa, grande parcela de brasileiros que se amontoam em barracos, muitas vezes, com esgotos “a céu aberto”, sem água potável, sem trabalho com carteira assinada, que se arriscam todos os dias para “matar” a fome de seus familiares e se infectando com o cruel vírus.

O segundo objetivo deste artigo enfatiza o denominado ensino remoto, que vem se apresentando como uma alternativa, nesse momento histórico no qual o Coronavírus não viabiliza a educação presencial. Esse ensino, na ótica destas autoras, não possui o mesmo nível de qualidade do ensino presencial.

Contudo, esse ensino é o que se torna viável na crise epidêmica e sanitária que vem acometendo o País. Acrescentamos, ainda, que muitos alunos não têm computadores com internet, mas apenas celulares, o que, indubitavelmente, interfere, negativamente, nas suas aprendizagens.

Referências

ARRUDA, Eucídio. Educação Remota Emergente: elementos para políticas públicas na educação brasileiras em tempos Covid-19. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2020.

DASZAR, Peter. **Covid-19**: origem, infecção e pandemia. Entrevista, CNN, 20 mar. 2020. CNN.

RUBWALLA, A. **Covid-19**: uma infecção perigosa. São Paulo: Apris, 2020.

XIÃO, Li. **Coronavírus**: um estudo inicial. Entrevista, CNN, 08 abr. 2020.